

Metáforas da crise econômica: CRISE ECONÔMICA É DESASTRE NATURAL

Economic crisis related metaphors: ECONOMIC CRISIS IS NATURAL DISASTER

Odair Luiz Nadin*

Sarah Barbieri Vieira**

Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, Brasil

Resumo: Desastres, segundo o Inpe – Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais, são eventos adversos causadores de grandes impactos negativos na sociedade e são distinguidos essencialmente em função de sua origem, ou seja, da natureza do fenômeno que o desencadeia. Terremotos, dilúvios, tempestades, tsunamis, inundações, entre outros, são exemplos de fenômenos naturais comuns que podem resultar em desastres naturais. Neste artigo, apresentamos uma análise de ocorrências de metáfora no discurso econômico-financeiro relacionadas à crise econômica mundial e formadas a partir das denominações desses “desastres naturais”. Essa crise, cuja maior divulgação se iniciou em 2007, provocou o (res)surgimento de inúmeros Itens Lexicais metafóricos para denominar as ações, instituições, processos etc. que afetaram os sistemas financeiros de alguns países, provocando reflexos negativos na economia dessas nações. Itens Lexicais como *tempestade*, *dilúvio*, *inundação* e *tsunami*, por exemplo, assumiram características

* Professor do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – UNESP/FCLAr; odairnadin@fclar.unesp.br.

** Professora da Universidade Estácio de Sá – UniSEB; Membro Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Cognitiva (GPELIC) da Universidade Estadual Paulista – UNESP/FCLAr; sarahbarbieri.vieira@terra.com.br.

terminológicas e passaram a denominar, de forma mais concreta, conceitos da crise. À luz da Metáfora Conceptual e da Semântica de Frames, analisamos alguns Itens Lexicais metafóricos presentes no discurso jornalístico sobre a crise, publicado na Folha de S. Paulo no período de agosto de 2007 a dezembro de 2013.

Palavras-chave: Metáfora Conceptual. Crise econômica. Língua portuguesa. Desastres Naturais.

Abstract: According to Inpe – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, disasters are calamitous events that cause great negative impact on society and are essentially distinguished by their origins, that is, by the nature of the phenomenon which triggers them. Earthquakes, deluges, storms, tsunamis, floods, among others, are examples of common natural phenomena that can cause natural disasters. The aim of this paper is to present the analyses of some metaphor occurrence in the economic-financial discourse related to the global economic crisis which originated from these natural disaster denominations. This crisis, which had its major disclosure in 2007, has caused the (re)appearance of many new metaphorical Lexical Items to denominate the actions, institutions, processes, etc., which affected the financial system of several countries, causing negative effects on the economy of these nations. Lexical Items such as storm, deluge, flood and tsunami, for example, have assumed terminological characteristics and started to denominate in a more concrete way the concepts related to the crisis. Under the light of Conceptual Metaphor and Frame Semantics theories we analyze in this paper some metaphorical Lexical Items used in the press discourse to refer to the crisis, published in Folha de S. Paulo newspaper from August 2007 to December 2013.

Keywords: Conceptual Metaphor. Economic Crisis. Portuguese Language. Natural Disasters.

1 INTRODUÇÃO

O uso de metáforas para fazer referência a conceitos da economia tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores da linguagem¹. Nos últimos anos, dada a intensificação da crise, o âmbito econômico-financeiro tornou-se um dos discursos mais estudados. Muitos pesquisadores têm se dedicado a descrever e analisar esses usos em diferentes contextos e a partir de diferentes pontos de vista teórico-metodológicos. Silva (2009), por exemplo, analisou as “conceptualizações metafóricas da crise na imprensa portuguesa”; Mendes e Nascimento (2010) analisaram algumas metáforas da crise econômica e da corrupção política e Berber Sardinha (2007) apresenta exemplos da economia em seu livro, no qual trata da metáfora.

Entretanto, a metáfora é objeto de estudo há muito mais tempo. A retórica e a filosofia, por exemplo, discutem o uso de metáforas há centenas de anos (Lima, Gibbs Jr., França, 2001, p. 107). Esse interesse de diversas áreas da linguística pela metáfora deu origem a diferentes teorias que se propõem a descrever e analisar esse fenômeno a partir de pontos de vista diferentes, que vão do entendimento da metáfora como forma de embelezamento do texto a fenômenos relacionados à cognição.

Berber Sardinha (2007, p. 17) apresenta três dessas diferentes vertentes teóricas – a Metáfora Conceptual, a Sistemática e a Gramatical. O autor assinala que, para a primeira, “a metáfora é um fenômeno cognitivo acima de tudo”; para a Sistemática, “preconiza a atenção ao uso recorrente da metáfora na linguagem real, antes de fazer alegações sobre o funcionamento da mente, isto é, esse fenômeno linguístico se caracteriza como um processo social” e, para a vertente da Metáfora Gramatical, “a metáfora ocorre em uma espécie de tensão entre a função original de um recurso linguístico e seu emprego”.

Dentre essas diferentes possibilidades teórico-metodológicas, a que nos interessa mais diretamente, para fins de análise neste artigo, é a vertente vinculada à Semântica Cognitiva (Lakoff e Johnson, [1980] 2002). Assim, dedicamo-nos a descrever e analisar, à luz da Metáfora Conceptual e da Semântica de Frames, uma amostra de ocorrências de metáforas em um *corpus* do português brasileiro, relativas à crise econômica mundial.

¹ A presente pesquisa se insere no projeto ‘Valores culturais e didáticos na metáfora de especialidade: as múltiplas imagens da crise econômica mundial na imprensa escrita’ (CAPES/DGPU), coordenado pela Profa. Dra. Ieda Maria Alves (USP), conjuntamente com a Profa. Dra. Iolanda Galanes Santos, da Universidade de Vigo (Espanha).

2 A METÁFORA CONCEPTUAL

La esencia de la metáfora es entender y experimentar un tipo de cosa em términos de outra. (Lakoff e Johnson, [1986] 2012, p. 41).

A Teoria da Metáfora Conceptual, proposta e desenvolvida por Lakoff e Johnson ([1986] 2012), postula que a metáfora, essencialmente, estabelece a relação entre dois domínios conceptuais, em que o domínio fonte pode ser aplicado a outro domínio, denominado alvo, por meio de correspondências entre os dois. Tipicamente, o domínio fonte é relativamente familiar e conceptualmente mais bem estruturado e, por esse motivo, essas estruturas mais familiares são usadas para articular o domínio alvo. Segundo essa teoria, a metáfora não está atrelada a uma expressão linguística: uma determinada metáfora conceptual pode, em princípio, ser subjacente a várias expressões metafóricas, sendo que algumas podem ser convencionais e outras não.

Segundo Silva (2009, p. 292), as metáforas conceptuais “servem para organizar mentalmente a estrutura e o funcionamento de fenómenos complexos, sendo por isso metáforas estruturais”. Ainda, de acordo com o autor, pode-se “ir mais além e entender o domínio meta (o que queremos compreender) como se fosse efectivamente o domínio origem (o que utilizamos para compreender), passando as respectivas metáforas a ser ontológicas”. Isso se dá, como teorizam Lakoff e Johnson ([1986] 2012), porque o homem possui uma habilidade nata para conceptualizar a realidade, isto é, o fenómeno da metáfora não ocorre apenas linguisticamente, mas está relacionado à forma como os seres humanos concebem a realidade.

Esta visão sobre a metáfora tem em Lakoff e Johnson (1986) um de seus marcos inaugurais. Os autores introduzem a Teoria da Metáfora Conceptual e a exploram a partir dos princípios teóricos da Semântica Cognitiva.

Nesse modelo desenvolvido pelos autores, parte-se da hipótese de que o significado é central na investigação sobre a linguagem. A Semântica Cognitiva se opõe ao que Lakoff denomina Semântica Objetivista. Isso significa que a Semântica Cognitiva vai contra a concepção, presente em algumas abordagens

tradicionais e formais, de que a língua está em uma relação de correspondência direta com o mundo, além de rejeitar o princípio de autonomia da linguagem, que alega a separação entre conhecimento linguístico e conhecimento enciclopédico, extralinguístico (Vieira, 2013).

Lima, Gibbs Jr. e Françoço (2001, p. 107), por sua vez, observam que:

[...] enquanto os estudos clássicos definem a linguagem figurada tão somente como um ornamento do discurso, um embelezamento utilizado com fins literários ou retóricos, os estudos modernos têm mostrado que o uso da metáfora e outros tropos não é exclusivo de um único domínio discursivo, mas parte da linguagem como um todo, tendo portanto, grande importância para os estudos sobre a cognição humana.

Ainda segundo os autores, a metáfora conceptual consiste em “uma operação cognitiva” na qual o falante se utiliza de um domínio mais concreto para compreender outro domínio que lhe pareça (ou que seja de fato para a comunidade linguística à qual ele pertence) mais abstrato.

Soriano (2005, p. 97) corrobora essa afirmação ao salientar que “a metáfora conceptual é um fenômeno de cognição no qual uma área semântica ou domínio é representado conceptualmente em termos de outro”. Ou seja, “usamos nosso conhecimento de um campo conceptual mais concreto ou próximo à nossa experiência física (domínio origem) para estruturar um dado campo tido como mais abstrato (domínio-alvo)”². No âmbito do objeto de estudo do presente artigo, o conceito DESASTRES NATURAIS é o domínio origem e o conceito CRISE ECONÔMICA, o domínio alvo.

Isso significa que é natural na linguagem humana a conceptualização de certa realidade abstrata em termos mais concretos. O falante, ao produzir seus

² La metáfora conceptual es un fenómeno de cognición en el que un área semántica o dominio se representa conceptualmente en términos de otro. Esto quiere decir que utilizamos nuestro conocimiento de un campo conceptual, por lo general concreto o cercano a la experiencia física, para estructurar otro campo que suele ser más abstracto. El primero se denomina dominio fuente, puesto que es el origen de la estructura conceptual que importamos. El segundo se denomina dominio meta o destino. [...]. Así, por ejemplo, la metáfora conceptual según la cual conceptualizamos el tiempo en términos de dinero se denomina convencionalmente EL TIEMPO ES DINERO. (Soriano, p. 97, 2012). Os adendos “domínio origem” e “domínio-alvo” são nossos.

enunciados, busca identificar e denominar a realidade que para ele é abstrata com elementos que, cognitiva, cultural e/ou socialmente, são mais concretos. Assim, para tornar mais concretos os fatos ocorridos na crise financeira usam-se, por exemplo, Itens Lexicais³ como *marola*, *tempestade*, *enxurrada*, *terremoto*, *furacão*, *tsunamis* e uma infinidade de fenômenos da natureza que o homem presencia em seu cotidiano.

Trata-se, portanto, de uma projeção conceptual entre duas estruturas, baseada em relação de semelhança (Espinoza Elorza, 2009, p. 171). Lakoff e Johnson ([1986] 2012) distinguem entre metáforas conceptuais e expressões metafóricas convencionais, ubíquas na língua. As metáforas conceptuais formam séries de redes relacionadas umas com as outras e que possuem diferentes níveis de abstração. A partir delas surgem as expressões metafóricas.

Para os autores, há um grande número de expressões linguísticas que, embora sejam usadas em uma dada área do conhecimento, têm seus significados atrelados a outra área como, por exemplo, a metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO. Ao propor esse conceito metafórico, os autores exploram a relação dos conceitos subjacentes entre os domínios TEMPO e DINHEIRO, ambos considerados *commodities* valiosas, relação essa lastreada em nossa cultura ocidental capitalista, a fim de exemplificar “a forma em que as expressões metafóricas de nossa linguagem cotidiana podem nos indicar a natureza metafórica dos conceitos que estruturam nossas atividades cotidianas.” (Lakoff e Johnson, [1986] 2012, p. 44). Assim, segundo os autores, expressões metafóricas como *Está me fazendo perder tempo*; *Investi muito tempo nela*; *Tens que calcular o tempo* etc. instanciam linguisticamente a importância do tempo para a nossa sociedade, fazendo uso de termos intrinsecamente relacionados ao domínio DINHEIRO, que é bem mais concreto.

A metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO, analisada por Lakoff e Johnson, é retomada por muitos outros autores para discutir a relação entre o domínio origem e o domínio alvo (Llamas Saíz, 2005; Berber Sardinha, 2007; Ibarretxe-Antuñano, Valenzuela, 2012). Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2012, p. 25), por exemplo, observam que ocorrem, em diferentes línguas, expressões como “gastar tempo”, “perder tempo”, “valorizar o tempo”, “roubar o tempo”

³ Neste artigo, o conceito de Item Lexical consiste em um pareamento convencional entre uma unidade linguística e uma unidade semântica que pode evocar diferentes significados, dependendo do contexto; enquanto que o conceito de Unidade Lexical (UL) consiste no pareamento de uma forma linguística e um significado que evoca um *frame*.

que advêm da metáfora em questão.

Berber Sardinha (2007, p. 31) aponta como conceitos principais da teoria da Metáfora Conceptual os seguintes:

Metáfora conceptual: ‘Uma metáfora conceptual é uma maneira convencional de conceitualizar um domínio de experiência em termos de outro, normalmente de modo inconsciente’. Por exemplo, O AMOR É UMA VIAGEM.

Expressão metafórica: expressão linguística que é uma manifestação de uma metáfora conceptual. Por exemplo, ‘nosso casamento está indo muito bem’ é uma expressão que advém da metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM.

Domínio: área do conhecimento ou experiência humana. No exemplo acima, os dois domínios são AMOR e VIAGEM. Há dois tipos de domínio: fonte e alvo. O domínio-fonte é aquele a partir do qual conceitualizamos alguma coisa metaforicamente; no exemplo, viagem; geralmente é algo concreto, advindo da experiência. O domínio-alvo é aquele que desejamos conceitualizar; esse é o domínio abstrato; no exemplo, o amor. [...].

Para Llamas Saíz (2005) é fundamental estabelecer a distinção entre as *expressões metafóricas* e as *metáforas conceptuais*. As metáforas conceptuais são, segundo a autora, “esquemas abstratos que servem para agrupar expressões metafóricas, enquanto que as expressões metafóricas são casos individuais de uma metáfora conceptual” (p. 129). Desse modo, sob a metáfora conceptual *CRISE ECONÔMICA É DESASTRE NATURAL* tem-se expressões metafóricas como *tempestade econômica, turbilhão financeiro, terremoto financeiro* entre outras.

3 METÁFORAS DA CRISE ECONÔMICA

A intuição de que conceitos mais abstratos “reclamam” conceptualização metafórica resulta da observação do caráter mais difuso desses conceitos, os quais carecem de delinação mais precisa. Assim, a metáfora permitiria que um tipo de estrutura mais concreta e bem definida do domínio fonte fosse projetada para o domínio alvo, estruturando-o. (Ferrari, 2011, p. 98)

A observação de Ferrari (2011), que nos serve de epígrafe, denota a relação entre um dado domínio do conhecimento humano, tido pelos falantes como mais concreto à sua realidade, e um domínio que esse mesmo falante sente como mais abstrato. Dessa forma, projetam-se metaforicamente, dadas as propriedades de um domínio (DOMÍNIO FONTE ou ORIGEM) em outro (DOMÍNIO ALVO). O discurso econômico-financeiro, sentido pelo falante como mais abstrato, é um rico e fértil domínio do conhecimento para a ocorrência de metáforas. Em tempos de crise, essa característica da área parece se intensificar. Ramacciotti (2008, p. 49) já havia mencionado isso ao afirmar que:

A economia é um sistema abstrato complexo, que se caracteriza fundamentalmente porque seu comportamento é muitas vezes imprevisível, instável, de difícil compreensão e está composto por uma grande quantidade de elementos e relações que interagem de maneira complicada. Longe de ser abordada com uma linguagem que se atenha ao sentido literal das palavras, os especialistas recorrem às metáforas para estruturar e acessar o conceito meta da economia, em termos da experiência com outros domínios origem que são mais concretos, que são entendidos e experimentados de forma cotidiana. Isso permite visualizar o fundo das dinâmicas que ocorrem neste sistema, referir-se a suas interações, quantificá-las e compreendê-las⁴.

Para Silva (2009) não é diferente. O autor salienta que o “discurso econômico é rico em metáforas conceptuais” (p. 292) e, pelo fato de ser um discurso “abstrato e complicado”, pode tornar-se mais compreensível quando se projeta nele conceitos oriundos de outras áreas do conhecimento.

No caso de que nos ocupamos neste artigo, a mesma metáfora conceptual CRISE ECONÔMICA É DESASTRE NATURAL é uma estrutura conceptual

⁴ La economía es un sistema abstracto complejo, que se caracteriza fundamentalmente porque su comportamiento es muchas veces imprevisible, inestable, de difícil comprensión y está compuesto por una gran cantidad de elementos y relaciones que interactúan de manera complicada. Lejos de abordarse con un lenguaje que se atenga al sentido recto de las voces, los especialistas recurren a las metáforas para estructurar y acceder al concepto meta de la economía, en términos de la experiencia con otros dominios fuente que son más concretos, que se entienden y experimentan de manera cotidiana. Esto permite visualizar el trasfondo de las dinámicas que se dan en este sistema, referirse a sus interacciones, cuantificarlas y comprenderlas. (Ramacciotti, 2008, p. 149).

subjacente que pode ser linguisticamente instanciada por diferentes expressões metafóricas. Consequentemente, podemos fazer referência à crise econômica em termos de:

(a) tempestade

Após a *tempestade econômica* que todos os países atravessaram, é imperativo definir para onde irá o Brasil. <FSP_14/08/2009_OPI_ROBERTO LUIS TROSTER>.

(b) turbilhão

Com o *turbilhão financeiro*, os países tornaram-se menos inovadores e poderão sofrer graves consequências nos próximos cinco anos. <FSP_24/04/2009_MER_JULIO WIZIACK>

(c) terremoto

O *Terremoto Financeiro* – A Primeira Crise Global do Século XXI. <FSP_23/10/2009_MER_MARIA CRISTINA FRIAS_JOANA CUNHA_MARINA GAZZONI>.

O calote do emissor da dívida, que forma a maior parcela das reservas de países, seria uma incalculável hecatombe. Cairia a primeira potência e em seguida derrubaria a China, depois o Japão. O *terremoto* de um calote americano varreria a economia mundial. <OG_18/10/2013_18_ECO_LEITAO MIRIAM>.

(d) tsunami

Se essa situação não for resolvida, ela poderá transformar uma fogueira em um incêndio florestal, um mercado ligeiramente baixista em um destrutivo *tsunami* financeiro. </FSP_05/09/2008_MER>.

(e) garoa/dilúvio/enxurrada

PAULO LEME – Não. Está mais para *garoa* leve do que para *dilúvio*. O fluxo de capitais permanecerá aumentando, mas não significa que será uma *enxurrada*. <FSP_02/05/2008_MER_ROBERTO MACHADO>.

(f) dilúvio

De Miami, nos Estados Unidos, o economista Paulo Leme, 52, responsável pelo departamento de pesquisa de mercados emergentes do banco Goldman Sachs, pede licença para discordar. “Não haverá *dilúvio de dólares*”, diz ele. <FSP_02/05/2008_MER_ROBERTO MACHADO>.

(g) nevasca

A perda de confiança aparece também em artigo no também britânico “Financial Times”. Sebastian Mallaby, do Council on Foreign Relations, atribui o crescimento fraco da economia brasileira em 2012 a uma “*nevasca* de microinterferências” do governo que corroe a confiança empresarial. </FSP_07/12/2012_B3_MER>.

Assim, temos, agrupadas sob a metáfora conceptual CRISE ECONÔMICA É DESASTRE NATURAL, expressões metafóricas como: *tempestade econômica*, *turbilhão financeiro*, *terremoto financeiro*, *tsunami financeiro*, *dilúvio de dólares*, *inundação de dinheiro*. Os traços semânticos relativos à agitação, desordem e destruição presentes nesses Itens Lexicais permitem que se denominem, metaforicamente, outros tipos de destruição como as provocadas pela crise nos mercados financeiros de diferentes países. Nestes casos, as palavras de um domínio mais concreto – *tempestade*, *turbilhão*, *tsunami etc.* – têm parte de seus sentidos transferida para um domínio mais abstrato, como é o caso da Economia.

Assumimos como ponto de partida o mapeamento metafórico básico [a crise econômica é um tsunami], que nos permite estruturar/experienciar um domínio-alvo relativo a um fenômeno econômico em termos de um domínio-fonte relativo a um fenômeno natural [...]. (Mendes e Nascimento, 2010, p. 94)

Partindo do princípio apresentado pelos autores, há uma interpretação da crise econômica como se fosse um desastre natural, pois as operações de correspondência entre os dois domínios (*mappings*) projetam os efeitos devastadores da crise como os efeitos devastadores provocados por um fenômeno natural extremo ou intenso, cujas consequências são sérios danos e prejuízos que excedem a capacidade das pessoas afetadas em conviver com o impacto causado por tamanha destruição.

Como antes mencionado, o domínio conceptual da economia é, em geral, muito abstrato para os leitores leigos no assunto. A imprensa, veículo no qual se divulgam os textos analisados no presente artigo, na tentativa de tornar mais palpável e inteligível para os leitores a problemática da crise, reconheceu no domínio dos desastres naturais um profícuo terreno para se “conceber” a crise econômica em termos de algo catastrófico, que tem consequências graves diretas no dia a dia das pessoas. Sendo assim, a partir da metáfora conceptual *CRISE ECONÔMICA É DESASTRE NATURAL*, é possível identificar o domínio fonte *DESASTRE NATURAL*, que envolve propriedades físicas e áreas relativamente concretas da experiência humana, e o domínio alvo *CRISE ECONÔMICA*, que é bem mais abstrato e, portanto, bem menos cognitivamente estruturado para o público em geral.

Dessa forma, a concepção de que as consequências de uma crise econômica possam ser concebidas em termos de consequências de um desastre natural está diretamente relacionada ao fato de não podermos acessar o domínio *CRISE ECONÔMICA* diretamente por meio dos nossos sentidos (visão, audição, olfato, tato, etc.). Consequentemente, recorreremos ao conhecimento de base experiencial relativo aos *DESASTRES NATURAIS* e projetamos as consequências ruins e indesejáveis desse domínio para o domínio da economia, mais precisamente, o domínio da crise econômica.

Logo, à luz da Semântica Cognitiva, o uso da linguagem metafórica para falar de conceitos abstratos como a crise econômica não é retórico, poético ou rebuscado. Fazemos o uso de metáforas no discurso, e neste caso específico, o discurso jornalístico, pelo fato de concebermos os eventos desagradáveis e temerosos, como é o caso das crises econômicas, como projeções de eventos relativamente concretos de nossa experiência física, de base sensorio-motora, como é o caso dos desastres naturais. O tratamento da metáfora em termos de projeção entre domínios explica por que várias construções diferentes podem expressar a mesma metáfora conceptual.

Nas abordagens tradicionais, o significado é concebido em termos de condições necessárias e suficientes das características principais, fundamentais da Unidade Lexical (doravante UL). Da perspectiva da Ciência Cognitiva Experiencialista, em que a Semântica Cognitiva se insere, o significado é definido por *frames*, responsáveis pela organização interna de um domínio, sendo que para alguns linguistas os termos *domínio* e *frame* parecem identificar a mesma estrutura teórica (Croft e Cruse, 2004, p. 16). Nesse sentido, recorreremos

à FrameNet⁵ de Berkeley, que é um banco lexical online fundamentado na semântica de *frames* e corroborado por evidência de *corpus*, cujo intuito é a descrição e análise do significado das ULs, que enfatiza a continuidade entre língua e experiência de mundo. O principal foco da semântica de *frames* é depreender o modo como os usuários de uma língua entendem o que está sendo comunicado quando fazem uso da língua (Fillmore e Baker, 2010), envolvendo, necessariamente, pesquisa empírica. Daí a denominação de Semântica da Compreensão, pois, segundo Fillmore (1985, p. 234), os *frames* semânticos são uma ferramenta importante e eficaz para a compreensão de textos e enunciados, auxiliando no processo de construção da interpretação. O significado de qualquer UL colocada em uso desempenha um papel importante na construção da significação de qualquer texto, sendo que as próprias ULs são consideradas pequenos textos.

Segundo essa teoria, uma UL é o pareamento entre uma forma linguística e um significado que evoca um *frame*. Dentro desse contexto, as expressões metafóricas provenientes do domínio DESASTRE NATURAL (tais como tempestade, turbilhão, terremoto, tsunami etc.) evocam o *frame Catastrophe*⁶, que instancia um “Evento indesejável que afeta um Paciente negativamente. Não há necessidade de um agente estar envolvido.” Podemos perceber então, que o foco principal desse *frame* são as consequências relacionadas às catástrofes, os resultados negativos provocados por um evento em que o agente causador não tem importância central, pois não há necessidade de existência de um agente determinado.

O *frame Catastrophe* herda elementos de um *frame* mais genérico, denominado *Eventive_affecting*⁷, que denota “uma Entidade que pode ser concreta ou abstrata sofre alguma mudança (o Evento) que é considerada (ou interpretada) como pontual.” Assim, podemos perceber que o Paciente que sofre a mudança pode ser tanto uma Entidade concreta (uma região) quanto uma Entidade abstrata (o sistema financeiro) e o Evento indesejável que afeta esse paciente é considerado

⁵ Disponível em: <<https://framenet.icsi.berkeley.edu>>. Acesso em: 20/10/2015.

⁶ *Catastrophe* – Definition: The words in this frame involve an Undesirable_event which affects the Patient negatively. No agent need be involved. Disponível em: <<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/index.php?q=frameIndex>>. Acesso em: 17 out. 2015.

⁷ *Eventive_affecting* – Definition: An Entity undergoes some change (the Event) that is (or is construed as) punctual. (This frame exists mainly to allow common FEs to be inherited.). Disponível em: <<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/index.php?q=frameIndex>>. Acesso em: 17 out. 2015.

ou interpretado como pontual. No caso de um terremoto, esse evento indesejável pode assolar regiões completamente ou, no caso de um “terremoto financeiro”, pode ser interpretado como uma projeção das consequências avassaladoras de um terremoto sobre o sistema financeiro. Os principais elementos do *frame Catastrophe*, Evento e Paciente, são assim descritos:

- Evento_indesejável: o evento indesejável que acontece.
- Paciente: a entidade que experiencia o Evento_indesejável.

Fazendo uma análise das operações de correspondência entre os dois domínios (*mappings*), DESASTRE NATURAL e CRISE ECONÔMICA, podemos claramente perceber que as consequências de uma crise que assola a economia é diretamente associada às consequências de um desastre natural que assola uma região. Dessa forma, dependendo da expressão usada, podemos mensurar os efeitos que determinado fenômeno financeiro provocará no sistema econômico em termos de agravar ou potencializar a situação da crise:

- em (a), (b) e (c) acima, as consequências da crise econômica são projetadas como as consequências de uma “tempestade econômica”, de um “turbilhão financeiro” e de um “terremoto financeiro”, consecutivamente.
- ainda em (c) temos, no segundo exemplo, as consequências de um “calote do emissor da dívida”, termo que mais adiante é retomado como “calote americano”, projetadas como as consequências de um “terremoto que varreria a economia mundial”.
- em (d), temos as consequências da “não resolução da crise” projetadas como sendo as consequências da evolução de “uma fogueira em um incêndio florestal”, metáfora usada para explicar as consequências da evolução de “um mercado ligeiramente baixista em um destrutivo tsunami financeiro”.
- em (e), temos a comparação do “fluxo de capitais” com o fluxo de água característico de uma “garoa leve”, “dilúvio” e “enxurrada”: fluxo de capitais no momento da enunciação = fluxo de água de uma garoa leve que, apesar de estar aumentando, não chegará ao fluxo de água de uma enxurrada.
- em (f), temos a comparação do “fluxo de entrada de dólares” ao fluxo de águas característico de um dilúvio, ou seja, esse fluxo da moeda americana não será intenso e permanente a ponto de causar uma grande inundação de dólares no mercado.

- em (g), temos as características de uma nevasca comparada à natureza das microinterferências do governo brasileiro na economia: a nevasca é uma tempestade de neve mais seca, que dificulta o derretimento da neve e facilita sua rápida acumulação. Nesse sentido, o uso da expressão metafórica “nevasca de microinterferências” do governo está diretamente relacionada tanto ao fato de que o governo interferiu demasiadamente na economia, o que gerou desconfiança por parte dos investidores, quanto à natureza dessas microinterferências, que dificultam a resolução do problema e cada vez acumulam mais desconfiança por parte do empresariado. Se o leitor não tiver um conhecimento mais específico a respeito das nevascas, esses efeitos negativos, que devem ser projetados pelas operações de correspondência entre os dois domínios em questão, não serão transferidos, o que pode gerar uma maior dificuldade de interpretação da metáfora.

A metáfora é, portanto, um recurso natural de qualquer língua e em qualquer discurso. O falante busca em diferentes áreas “formas mais concretas” para denominar ações, fenômenos, instituições, enfim, situações gerais de causas e consequências, de maneira metafórica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a interpretação das expressões metafóricas provenientes do domínio DESASTRE NATURAL no domínio CRISE ECONÔMICA para fazer referência às crises econômicas ou financeiras torna-se possível pelo fato de os *frames* mais genéricos e abstratos, como é o caso de *Eventive_affecting*, serem “uma representação cognitiva que condensa uma generalização sobre similaridades percebidas nas instâncias de uso” (Kemmer e Barlow, *apud* Oakley, 2007, p. 215). Essa natureza esquemática desses *frames* abstratos possibilita a transferência de componentes semânticos, ativando ou desativando zonas imbuídas de significação, possibilitando, assim, que uma UL se “enquadre” em um contexto diferente, dando, então, vazão à polissemia.

Não podemos deixar de mencionar as condições de produção do discurso jornalístico aqui analisado. Segundo o *Valor Econômico*, um dos mais importantes veículos de economia, finanças e negócios do Brasil, a crise financeira de 2008 foi a maior da história do capitalismo desde a grande depressão de 1929. Teve início nos Estados Unidos após o colapso da bolha especulativa do mercado imobiliário e se espalhou pelo mundo todo em poucos meses. Nesses sete anos

após a instauração da crise de dimensões globais, percebe-se que a economia do mundo segue fragilizada, com baixo potencial de crescimento e piora nos indicadores sociais.

No Brasil, a situação não é diferente. A crise chegou aos poucos e, devido a problemas domésticos de origem econômica e política, tem se intensificado ano a ano. Conseqüentemente, como texto, discurso e sociedade estão intrinsecamente relacionados, a língua enquanto meio de comunicação e interação entre os integrantes dessa comunidade linguística reflete o momento social e histórico a que estamos submetidos: crises econômicas e catástrofes naturais, ambas conseqüências diretas do consumismo e da ganância desenfreada do ser humano.

REFERÊNCIAS

- Berber Sardinha, T. *Metáfora*. São Paulo: Parábola; 2007.
- Croft W, Cruse DA. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press; 2004.
- Espinoza Elorza RM. El cambio semántico. In: Miguel E. (Org.). *Panorama de la Lexicología*. Barcelona: Ariel; 2009.
- Ferrari L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto; 2011.
- Fillmore CJ, Baker CF. A Frame Approach To Semantic Analysis. In: Heine B; Narrog H (Ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: Oxford University Press; 2010.
- Fillmore CJ. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*. 1985;2(4):222-254.
- Fuentes Olivera PA. (et. al). La variación y la metáfora terminológica en el dominio de la economía. *Valladolid: Atlantis*. 2002;2(24).
- Ibarretxe-Antuñano I, Valenzuela J. (Org.). *Linguística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial; 2012.
- Ibarretxe-Antuñano I, Valenzuela J. *Linguística Cognitiva: Origen, Principios y Tendencias*. In: Ibarretxe-Antuñano I, Valenzuela J (Org.). *Linguística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial; 2012.
- Lakoff G, Johnson M. *Metáforas de la vida cotidiana*. Trad. Marín, CG. 9ed. Madrid: Cátedra; [1986] 2012.
- Lima PCL, Gibbs Jr. RW, Françoso E. Emergência e natureza da metáfora primária – desejar é ter fome. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 2001;40:107-140.

Llamas Saíz C. *Metáfora y creación léxica*. Pamplona: EUNSA – Ediciones Universidad de Navarra S. A.; 2005.

Mendes PHA, Nascimento M. *Análise do processamento metafórico no discurso: metáforas das crise econômica e da corrupção política*. SCRIPTA. 2010;26(14):89-106.

Miguel E. (Org.). *Panorama de la Lexicología*. Barcelona: Ariel; 2009.

Oakley T. *Image Schemas*, In: Geeraerts D, Cuyckens H. (Ed). *Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press.

Ramacciotti S. *La metáfora como elemento constitutivo del discurso económico. Una aproximación desde el análisis de texto*. In: Cabré MT, Bach C, Tebé C. (Org.). *Literalidad y dinamicidad en el discurso económico. VI Actividades de IULATERM de Verano*. Barcelona: Documenta Universitaria; 2008: 147-161.

Silva AS. *O que sabemos sobre a crise econômica, pela metáfora. Conceptualizações metafóricas da crise na imprensa portuguesa*. In: *Actas digitais do VI congresso da SOPCOM – Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, Anexo dos congressos 6º SOPCOM/8º LUSOCOM ULHT*. Lisboa, 2009, p. 291-311. Disponível em: <http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/453/451>. Acesso em: 20/05/2015.

Soriano C. *La Metáfora Conceptual*. In: Ibarretxe-Antuñano I, Valenzuela J (Org.). *Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial; 2012.

Vieira SLABR. *Polissemia em Phrasal Verbs: uma concepção semântico-cognitiva de análise e aplicação didática*. 2013. 252 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista – UNESP. Araraquara; 2013.

Recebido em: 06/12/2015

Aceito em: 17/02/2016